

Cartografando e aprendendo em ações artísticas urbanas*

CARTOGRAFIANDO Y APRENDIENDO EN ACCIONES ARTÍSTICAS URBANAS

CARTOGRAPHING AND LEARNING IN URBAN ARTISTIC ACTIONS

Tamaris Vaz**

Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas
/ Volumen 11 - Número 2 / julio - diciembre de 2016
/ ISSN 1794-6670/ Bogotá, D.C., Colombia / pp. 149-161

Fecha de recepción: 8 de febrero de 2016
Fecha de aceptación: 7 de mayo de 2016
Disponibile en línea: 31 de octubre de 2016
doi:10.11144/Javeriana.mavae11-2.caaa

* Artigo de Pesquisa. O artigo apresentado é um desdobramento conceitual de sua tese de doutorado, possibilitado por práticas e conceitos explorados pela autora durante disciplinas cursadas junto ao Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás.

** Doutoranda em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (ufg). Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Arte, Educação e Cultura (ufsm) e do Grupo Cultura Visual e Educação (ufg).



Resumo

Neste artigo discuto duas experiências de cartografias realizadas em torno de espaços percorridos por mim como moradora e pesquisadora na cidade de Goiânia, Brasil. Com isso, venho pensar como a produção de imagens e textos narrativos em torno de percursos cotidianos contribui para processos de aprendizagens moventes, do ponto de vista da invenção. Em uma exploração cartográfica da vida urbana, abordo a aprendizagem a partir de visões que escapam de demarcações aparentemente fixas, produzindo-se entre deslocamentos e afectos cotidianos.

Palabras claves: cartografia; aprendizagem; invenção; deslocamento

Abstract

This paper discusses two experiences of cartography around spaces I explored as inhabitant and researcher at the Brazilian city of Goiânia. Thus, I reflect upon how the production of narrative images and texts around quotidian journeys may contribute to processes of learning on the move, from a point of view based on invention. In a cartographic exploration of urban life, I contemplate learning through visions that escape from seemingly fixed demarcations, by producing itself amongst quotidian displacements and affects.

Keywords: cartografía; aprendizaje; invención; desplazamiento

Resumen

En este artículo presento dos experiencias de cartografías realizadas en torno a las zonas exploradas por mí como habitante e investigadora en la ciudad de Goiânia en Brasil. Con esto, intento mostrar cómo la producción de imágenes y textos narrativos sobre las rutas cotidianas contribuyen con los procesos de aprendizaje en movimiento, desde el punto de vista de la invención. En una exploración cartográfica de la vida urbana, reflexiono sobre el aprendizaje desde las visiones que escapan a límites aparentemente fijos, produciéndose entre desplazamientos y afectos cotidianos.

Palavras chave: pedagogia da autonomia; educação musical; aprendizagem informal; aprendizagem colaborativa

INTRODUÇÃO



Imagem 1: Tamaris Vaz. Praça no Bairro São Judas Tadeu - Goiânia. Fotografia. Documento Digital. Goiânia, 2014.

Ao me deslocar pela cidade, frequentando praças, padarias, mercados, bares, ruas, vou tendo percepções que produzem territórios moventes de meus percursos. Com o tempo, cartografias afetivas vão sendo construídas para organizar, momentaneamente, alguns agenciamentos que atravessam meu corpo e a cidade que habito. Singularidades de vida em meio a um cotidiano que se repete, mas que nunca é o mesmo, instigam pensamentos e encontros que modificam meu modo de ver e agir nos lugares explorados. Ellsworth (2012) sugere caminhos para a aprendizagem justamente neste processo de produção de novos pensamentos, onde abandonamos algumas certezas para experimentar outros modos de agir no mundo. Neste artigo exploro alguns percursos urbanos a partir da noção de que aprender é um processo de constante movimento, onde produzimos relações inventivas nas imprevisibilidades de encontros e acontecimentos. Dado meu interesse nos movimentos de criação e não nos acúmulos de saberes, a aprendizagem em processo, de Ellsworth (2012), e a aprendizagem inventiva, de Kastrup (2001), me possibilitam traçar percursos vivos através de uma cidade que só existe pelos fluxos que a fazem ser outra em si a cada momento.

Exploro aqui duas ações dadas em percursos urbanos a fim de pensar essa relação entre cartografias e aprendizagens. A primeira delas se dá a partir de meu projeto de doutorado,¹ onde me proponho a percorrer espaços cotidianos e, pela produção de narrativas escritas e fotográficas, pensar sobre os processos de aprendizagem que me movimentam na cidade. Desta pesquisa, destaco um recorte das visualidades que disparam alguns passos investigativos e me permitem acreditar na ideia de que a aprendizagem não se dá somente como resposta ao ensino, mas se constitui em nossas capacidades de observar, ouvir e pensar para além de certezas institucionalizadas.

A segunda ação aqui abordada é uma intervenção urbana que envolveu uma cartografia coletiva, dada em um espaço/tempo determinado, mas de pontos de vista diferentes para cada artista participante, culminando na edição de um vídeo onde tentamos englobar as diversas facetas desses olhares cotidianos.

O que aprendemos do processo instável de produzir cartografias de percursos em constantes movimentos de transformação? Quando aprender se torna desprender, inventar possibilidades de vida? Numa breve inserção em práticas cartográficas, essas perguntas desencadeiam problematizações acerca da produção de cartografias e aprendizagens em percursos urbanos.

CARTOGRAFANDO A CIDADE

À desintegração de certos mundos, que perdem sentido para a formação de outros capazes de expressar afectos contemporâneos —devires que movimentam o pensamento para novas sensações—, Rolnik (1989) dá o nome ‘cartografias psicossociais’. A tarefa de um cartógrafo, nessas experiências com a cidade, seria dar voz aos afectos que pedem passagem, abordando a formação de desejos no campo social (Rolnik, 1989). E esse esforço vem a ser pensado, nas linhas de escrita que percorro aqui, como a própria ação de aprender, de conhecer o mundo a partir das relações estabelecidas entre nossos corpos e o que a cidade nos oferece, sem decalques (reproduções repetindo os mesmos percursos) ou generalizações (simplificações da vida urbana).

Sendo a cidade um campo móvel, ela não cabe em um mapa fixado no espaço, pois diferentes tempos, focos e combinações fazem-na singular a cada experimentação, ao mesmo tempo em que coletiva na movimentação de afectos (Deleuze e Guattari, 1992). Os afectos nunca se produzem de forma isolada, eles dependem de interações múltiplas entre pessoas, lugares e acontecimentos relacionais, compondo linhas imprevisíveis capazes de extrapolar caminhos já traçados.

Em uma postura de criação, aprendemos produzindo afectos, o que envolve ultrapassar o percebido, prolongar sensações, deslocando-as em devires que as recombinaem com os percursos de nossos corpos e pensamentos. Quando cartografamos perceptos, que são percepções e sensações que persistem para além do sujeito que percebe, ao mesmo tempo produzimos afectos em nossos hábitos cotidianos, tentamos dar a um complexo de sensações uma independência em relação ao indivíduo que a sentiu, traçando novos caminhos e condições para que esses percursos sejam vistos de outros ângulos. Não é que as sensações adquiram uma existência isolada e fixa, mas elas disparam outros encontros em outros caminhos, mesmo na ausência do sujeito que as movimentou. A cartografia não se torna reflexo nem da cidade, nem do sujeito que a traçou, mas se apresenta como convite a novas experiências. Por esse motivo Deleuze e Guattari relacionam os afectos diretamente às atividades dos artistas, pois produzir afectos é dar destaque aos pequenos acontecimentos, fazendo com que, pelo deslocamento, eles provoquem sensações e criem conexões outrora inimagináveis.

Não há aprendizagem sem que nos ponhamos em movimento e sem que a partir deste movimento experimentemos o que o mundo —e no caso específico deste artigo, ‘o que a cidade’— pode compor no contato com nossos corpos em percurso. O cartógrafo é um aprendiz de si, ao passo que desvenda a cidade pelos sentidos que ele próprio é capaz de produzir nas relações entre seu movimento, os movimentos da cidade, seu olhar, os olhares com os quais se depara, e as recombinações que se vê capaz de tecer no momento em que toca alguns signos moventes do fluxo urbano, construindo algo novo a partir disso.

Em meio a esses caminhos de exploração e mapeamento de singularidades na cidade, uma questão que tem me movido a pesquisar diz respeito às aprendizagens que vão sendo movimentadas na medida em que me desloco pelas ruas de Goiânia. Logo que passei a residir nessa cidade, no ano de 2014, especificamente em um bairro próximo à universidade e distante de todo o resto, fui produzindo em palavras e textos uma série de afectos que compunham meu modo de ver e de habitar esse cotidiano urbano. À primeira vista me chama a atenção uma série de elementos excessivos respingados em toda a visibilidade do bairro: a menos de

500 metros de onde residia havia quatro mercados, sete ou oito igrejas, cinco distribuidoras de bebidas, dezenas de salões de beleza e de lojas de ferragens, cinco ou seis praças e dezenas de casas com portões muito semelhantes entre si.



Imagem 2: Tamaris Vaz. Lojas de ferragens expondo seus produtos nas calçadas do bairro. Fotografia. Documento Digital. Goiânia, 2014.

Começo, então, a traçar algumas cartografias, organizadas através de fotografias e narrativas escritas, em uma espécie de diário digital onde justaponto textos e imagens desses excessos que interpelam meu cotidiano e me instigam a observar como os moradores se relacionam com essas visualidades, bem como os modos como me insiro nas possibilidades de habitar tais espaços. A cada semana repito alguns percursos em função de minhas necessidades práticas de moradora: desloco-me ao mercado, à padaria, compro bebidas, exercito-me, passeio pelas praças... E também fotografo, torno a fotografar e a escrever sobre alguns elementos recorrentes que ativam minha atenção.

Há, por exemplo, certas posturas que demarcam o comportamento das pessoas em praças, distribuidoras ou mercados: o modo como cada vendedor organiza os espaços, ocupando também as calçadas; a informalidade de comércios que envolvem diversos membros de uma mesma família; as brincadeiras infantis nas praças rodeadas por casas; a arquitetura improvisada misturada com portões ornamentados. A cada novo encontro com esses hábitos cotidianos, desterritorializo minha relação de forasteira e me reterritorializo enquanto participante de alguns modos de produção social –mas nunca totalmente adaptada, ao passo que a cidade muda tanto quanto eu me modifico nas experiências junto a ela.

Deleuze e Guattari (1995) falam da desterritorialização e reterritorialização como processos concomitantes que se dão sempre entre duas séries heterogêneas. Não é um processo que se dá entre um estabelecimento comercial e outro, mas entre meu corpo e esses espaços. Cada espaço se desterritorializa de suas funções predeterminadas para se reterritorializar nos escapes que meu corpo realiza ao adentrá-los. Eu me desterritorializo de uma noção de consumidora para me reterritorializar nos caminhos que cada mercado me permite percorrer dentro de si, com suas estreitas ou largas disposições de prateleiras e com o modo de comunicação entre os atendentes e as pessoas que ali se encontram. Saindo e retornando a eles, as experiências serão outras, pois os territórios não cessam de se modificar. São labirintos que vão sendo percorridos sempre de modos diferentes, onde as aberturas para deles sair são múltiplas, dependendo do lugar para onde desejo sair a cada vez que me envolvo em seus acontecimentos.

De um mercado a outro também essas noções se desterritorializam, tanto que, por vezes, não sei que caminhos percorrer para encontrar um produto ou outro e preciso ir me adaptando a esses descompassos. Assim, cabe menos pensar em como sair do labirinto do que explorar os diversos percursos que posso traçar ao longo dele, experimentando superfi-

cies, orifícios pelos quais são criados atalhos, migalhas que ora indicam caminhos, ora atraem passantes famintos.

Com isso, fui pensando em como percursos repetidos na cidade só produziam algo em mim por aquilo que se diferenciava, não um do outro, mas, na perspectiva da filosofia da diferença (Deleuze e Guattari, 1995), em si mesmos quando experimentados. Cartografando alguns espaços que se repetem na geografia do bairro e que se somam às minhas próprias repetições cotidianas, vou produzindo diferenças, aprendizagens, sem que para isso haja uma busca pela fixação de conhecimentos específicos. Dou novos usos às coisas do mundo que me rodeia ao passo que as regras, os caminhos, emergem durante o processo não enquanto ‘significadores’, mas enquanto ‘criadores’ de possibilidades de vida (Ellsworth, 2012).

E para que serve a aprendizagem se não para que possamos construir e entender nossas experiências enquanto as vivemos? Para Ellsworth (2012) a aprendizagem acontece em um processo de emergência, quando nos desprendemos de algumas certezas e nos movimentamos para novas maneiras de ser no mundo. Não se trata de negação do existente, mas de necessidade de inventar novos modos de agir quando aquilo que pensávamos saber não se encaixa às nossas tramas atuais. Acumular informações não é aprender. Desenhar um mapa de um território não é aprender. Aprender é ultrapassar a informação, ir além do que mostra o mapa, não para negá-lo, mas para dar sentido aos fluxos coletivos que se constroem sobre ele.

Amaral et al. (2012) entendem o mapa como algo que cria e não somente revela conhecimento. As escolhas que se faz para organizar uma leitura de um espaço fazem com que o espaço se conforme, momentaneamente, a partir de certas demarcações. As autoras dizem que o ato de cartografar é mais do que o mapeamento de elementos fixos da paisagem, pois incorpora os fluxos, os acontecimentos e as relações sociais e afetivas. Mais do que observar essas relações, ao percorrer a paisagem vou existindo e compondo junto a esses movimentos. A cartografia depende de meu posicionamento em meio ao que acontece. Ela é composta de invenções –assim chamadas não por serem mentiras, mas por se constituírem de minhas aprendizagens, dos estranhamentos e tensões que me fazem dizer mais do que sei da geografia de um espaço. É nesses estranhamentos, segundo Kastrup (2001), que a aprendizagem começa, pois passamos a problematizar as relações existentes de modo a não tomá-las como certezas intransponíveis, a construir outras possibilidades momentaneamente cabíveis a nossa experiência atual.

A fim de que sejam entendidos como cartografias, faz-se necessário que os percursos realizados em determinados espaços possam ser visibilizados de algum modo por quem não esteve presente neste percurso, ainda que não seja possível revivê-los da mesma forma. A escolha que faço para essa produção se dá pela escrita de narrativas que experimentem um entrecruzamento entre relações de excessos, enfatizando as diferenças vivenciadas nas aparentes repetições. Somente pela narrativa me vejo capaz de justapor meus caminhos em várias praças, fazendo com que nelas haja e não haja crianças brincando, que eu me sente e ao mesmo tempo siga caminhando, que a grama esteja crescendo ao mesmo tempo em que cortada, causando estranhamentos pela incorporação dos modos como me vejo provocada por esses territórios ao ponto de desterritorializá-los e reterritorializá-los de outras maneiras.

Certeau (1998) aponta que, mesmo existindo uma ordem espacial com possibilidades e proibições que organizam o deslocamento das pessoas nas cidades, o caminhante atualiza

essas ordens, deslocando-as e inventando outras quando se mostra capaz de alterar o uso das coisas e lugares. Assim, por suas escolhas, o caminhante tanto exclui caminhos (ao escolher ir por certas ruas e não por outras) quanto cria atalhos e desvios que ampliam possibilidades de deslocamentos. Isso se dá não somente nos deslocamentos físicos pela cidade, como também pela escrita de narrativas que tentem comportar nossas experiências urbanas. Escolhas e desvios fazem parte das ações de narrar e fazem com que cada descrição de percurso se torne uma invenção do próprio espaço habitado.



Imagem 3: Tamaris Vaz. Algumas praças presentes em esquinas do bairro São Judas. Fotografia. Documento Digital. Goiânia, 2014.

Com a produção de narrativas cartográficas organizo meus percursos de aprendizagem pelas visualidades desse bairro. Essas aprendizagens, enquanto invenções, não são o resultado, a solução para um saber buscado. Pelo contrário, elas surgem do ato de me afastar de uma percepção formatada e naturalizada sobre certos acontecimentos para problematizá-la, assumindo as imprevisibilidades da invenção (Kastrup, 2001).

Ao sair para fotografar situações do bairro que percebi como excessos, minha intenção não era confirmá-los, mas produzir para fora do visível, criando linhas de sentidos provisórios que me possibilitassem trazer novas perguntas para a pesquisa. Procedi, como sugere Kastrup (2001), considerando a invenção de problemas, ao invés da elaboração de uma solução para um problema.

Tendo como ponto de partida uma cidade onde iniciava residência, não desejei percorrê-la para resolver um problema de familiarização, de reconhecimento e entendimento. Ao invés disso, iniciei esse reconhecimento para, a partir de alguns hábitos iniciais, investir em novos problemas que movimentassem aprendizagens sobre o que é, para mim, viver entre esses territórios.

Essa cartografia inicial com fotografias, narrativas e afetos da cidade surge como uma construção de um plano repleto de brechas, incômodos, tensões e interrogações que me obrigam a pensar sobre os signos que permeiam a vida na cidade e em possibilidades de inserção de minhas experiências de aprendizagem tanto no espaço urbano quanto no espaço da tese que escrevo a partir dela.

CARTOGRAFANDO O EIXÃO

A segunda cartografia que trago para este texto foi realizada em março de 2014 por estudantes e professores vinculados ao programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual, na Universidade Federal de Goiás.² Ao longo de três horas de uma manhã de quinta-feira, nos deslocamos pelo chamado Eixo Anhanguera, um sistema de transporte urbano (ônibus) que cruza a cidade de Goiânia de leste a oeste, interligado por meio de terminais onde os usuários pagam uma única passagem e podem se deslocar em qualquer direção.

Éramos dez pessoas que tinham como única ação predeterminada o objetivo de cartografar algo que nos tocasse pelo percurso. Cada um embarcou em um terminal do “Eixão” (como é conhecido pela população) para dedicar-se singularmente a esse trajeto. Dessa experiência foram surgindo cartografias focadas nos sons do motor, nas vozes das pessoas, nos discursos ensaiados dos vendedores ambulantes que adentravam os ônibus, nas visualidades dos espaços, nas marcas deixadas pela ação do tempo (paredes desgastadas, placas, poças d’água...). Houve cartografias de corpos em deslocamento, de passos apressados, de pés e mãos que anseavam o fim da viagem, de marcas deixadas pelos sapatos. Houve ainda quem preferiu, como eu, deixar suas próprias marcas, com palavras escritas sobre o que via ou sentia.

Não conseguiríamos tornar visíveis certos aspectos das multiplicidades de experiências vividas nessa ação se optássemos por relatá-las de modo cronologicamente linear, pois os acontecimentos se sobrepunham em um mesmo espaço/tempo, fazendo com que um mesmo território físico fosse desterritorializado e reterritorializado de diversas formas por cada participante. Por isso, optamos por materializar essa ação através da produção de um vídeo que entrecruzava os percursos de cada um.³ Criou-se uma cartografia pela justaposição de fotografias, textos, vídeos e áudios, dando origem a uma nova narrativa, que não representa as experiências, mas as reterritorializa no coletivo.

A narrativa ganha importância no processo de invenção de mundo, abrindo caminhos para a aprendizagem de algo não apreendido no espaço em si, mas em agenciamentos de nossos percursos com outras experiências, passando do relato à potência de novas existências, provocando o público da narrativa a reconectá-la a seus caminhos, buscando entendê-la a partir de si.



Imagem 4: Tamiris Vaz. Intervenção realizada durante percurso pelo Eixo Anhanguera. Fotografia. Documento Digital. Goiânia, 2014.

Foram inúmeros os afectos produzidos em torno de um mesmo trajeto. A cartografia criada nessa ação coletiva foi um entrelaçamento de singularidades que não explica a cidade e tampouco serve como guia ou roteiro, porque cartografar não é descrever o que a cidade é, mas produzir a cidade conforme somos ao atravessá-la.

De modo similar, a aprendizagem não está no conteúdo da cidade, mas naquilo que podemos sentir e pensar em resposta ao que foi vivido através dela, ultrapassando tanto nossos corpos quanto os lugares físicos percorridos. Quando conhecemos a arquitetura e o modo de funcionamento econômico que rege a cidade ainda não estamos aprendendo. Aprendemos quando pensamos como esses eventos que persistem na cidade podem ser respondidos e articulados contemporaneamente em nossos percursos (Ellsworth, 2012) ou quando percebemos, como nos diz Certeau (1998), não ser possível sustentar uma cidade-conceito regida pelo bom funcionamento de um projeto urbanístico baseado em tecnologias políticas e científicas. E que essa impossibilidade torna necessária uma abordagem das práticas cotidianas que escapam, que resistem à disciplina sem por isso ficarem fora do campo onde a mesma é exercida.

As cartografias realizadas no Eixão tiveram um caráter de imersão no cotidiano, de atenção às visualidades que compõem um espaço de intensa movimentação na cidade. Em vários casos os participantes se tornavam parte desse ritmo, sem destacar suas intervenções ou observações como estando em instâncias diferentes de outras intervenções presenciadas nesses fluxos. São ações que adquirem potência poética justamente na ausência de destaque, compondo experiências artísticas pelo cotidiano. São aprendizagens não sublinhadas, não destacadas pelo acerto, pois a elas não cabiam conhecimentos demarcados para comparação. Para mim, que vivia um processo de exploração e descoberta da cidade, foi um momento de desprendimento de pequenas certezas que havia obtido, de pensar coletivamente sobre um percurso que anteriormente experimentei apenas por minhas lentes. Em um mesmo intervalo de tempo, em um mesmo percurso de ônibus, registrávamos múltiplos afectos, provocando aprendizagens completamente inesperadas pelo posterior entrecruzamento das imagens produzidas e dos relatos das experiências.

Pela narrativa audiovisual destacamos aprendizagens que escaparam da cidade e ressoaram em nossos discursos, articulando movimentos, sensações e possibilidades para outros caminhos ainda não percebidos ao passo que nossos pensamentos continuam a se deslocar.

A VIDA COMO ARTE

Essas experiências cartográficas, mesmo sendo realizadas por artistas visuais, não carregam em si um peso sacralizado enquanto obras de arte. Antes disso, o que adquire importância nessas práticas são os efeitos que essas ações cotidianas produzem em nossas vidas. A arte, nesse sentido, não está presente como um privilégio de artistas, mas como uma ação inventiva presente na experiência do aprender. Ela é, como diz Kastrup (2001), um ponto de partida para a problematização, onde inserimos o problema da aprendizagem pelo ponto de vista da invenção.

Minhas pesquisas atuais atravessam os campos dos afectos e das artes para inventar territórios no fluxo cotidiano da cidade. Através da constante repetição de ações comuns a quem habita a cidade, lanço um olhar atento aos agenciamentos compostos por mim junto a ela, de modo a compor narrativas por afectos cotidianos.

O que tem me interessado em torno de percursos na cidade são as ações que escapam, atravessam, saltam demarcações aparentemente fixadas, produzindo outras possibilidades de territórios em deslocamento. Como dizem Amaral et al. (2012, p. 2), “é no cotidiano que nossas ações, gestadas a partir da relação com o espaço, o produzem”. É essa produção do

cotidiano não é definitiva, ao passo que são gerados problemas que nos conduzem a seguirmos nos movimentando e atuando nas mudanças que nossa própria presença provoca. Essa postura me possibilita escrever a cidade fazendo rizoma, aumentando territórios por desterritorialização (Deleuze e Guattari, 1995), fazendo com que agenciamentos componham outras vivências com os espaços habitados.

A exploração artística da vida, do urbano, encontra ressonância no sentido dado por Paim (2012) para a arte na esfera da micropolítica. Segundo ela, há uma potência política de resistência pela infiltração da arte na vida comum, permeando o cotidiano de pequenas invenções diárias. Fora da lógica do espetáculo, mas pela aproximação, pela troca, existem possibilidades de inserção da ação artística na vida. A arte não adquire potência por seu status artístico, mas justamente pela sua contaminação pelo cotidiano. É a operação artista de Nietzsche, trazida por Deleuze (1992) como a invenção de novas possibilidades de vida, constituindo processos de subjetivação para além do poder e do saber exercidos nos espaços por onde circulamos.

Como propostas que se abrem a múltiplos interlocutores, a realização de ações em espaços não convencionais para a atividade artística, especialmente na cidade, pode, segundo Campbell (2007), receber todo tipo de interpretação e mesmo não ser reconhecida como obra de arte. A deriva realizada pelo movimento situacionista, encabeçado na França por Guy Debord (1931-1994), é um exemplo de experiência artística que não tinha a intenção de ser tomada como arte, sendo muito mais um movimento de experimentações afetivas do corpo no espaço, uma estratégia de dissolução da arte na vida, de não representação, de novas cartografias produzidas pelo próprio deslocamento (Campbell, 2007).

Compõem-se aí imprevisibilidades condizentes aos espaços por onde circulamos. Distantes da pretensa neutralidade de espaços expositivos de formato 'cubo branco', as contaminações visuais da vida urbana promovem encontros e proliferações de diferenças que potencializam essas ações. Atua-se em uma situação semelhante à apontada por Bey (2004) no que chama de 'psicotopografia', onde o próprio real se vê modelado pela mente humana quando um mapa é traçado em uma escala de 1:1. Nessa escala não temos controle de uma totalidade, ao passo que nos colocamos imersos em um espaço instável e impossível de ser observado inteiramente de uma única vez. Nas cartografias que realizamos no Eixão, em alguns momentos, visualizávamos parte dos deslocamentos realizados pelos outros participantes, mas cada um de nós compunha um fragmento de acontecimentos concomitantes que não podiam ser percebidos por inteiro. Na impossibilidade de recriação desse mapa 1:1, as fotografias, os vídeos e os textos produzidos nos percursos são recortes de espaços e tempos que não cobrem o território prático explorado, não expõem todas as mudanças ocorridas pela nossa presença, mas o reinventam a partir de nossos interesses e singularidades.

COMPONDO TERRITÓRIOS PELOS DESLOCAMENTOS

Algo a ser frisado na experiência do Eixão, bem como em meu projeto de doutoramento, é a escolha por abordar territorialidades sociais por seus deslocamentos. Costa (2010) trata de um território que não pode ser objetivamente localizado, mas que se constitui por padrões de interação. Nessa perspectiva, a cidade seria mais entendida pelos movimentos do que por seus elementos fixos. Podemos pensar essa ideia de território movente através

do projeto '*Salvem el Cabanyal*' desenvolvido em Valência (no leste da Espanha) desde 1999, em defesa da manutenção de mais de 1600 casas ameaçadas de serem derrubadas para construção de uma avenida (Santos, 2014). Surgido enquanto um movimento de resistência, o projeto foi sendo abraçado pela comunidade e se tornou parte de seu cotidiano. Ao mesmo tempo em que os moradores abrem suas casas para a realização de exposições, eles passam a usar o bairro como espaço de experiências através de proposições cartográficas e jantares coletivos na própria rua. Com a ameaça da perda desses territórios não apenas físicos, mas de afetividades coletivas, as casas se tornam espaços públicos e a rua local de encontros, alterando lógicas de convívio em prol de uma maior visibilidade da cultura local, que é o que mais interessa aos moradores. São esses movimentos (e não os espaços em si) que possibilitam territorialidades, alimentando e mantendo vivo o projeto *Salvem el Cabanyal* há mais de 15 anos.

Nesse processo de produção constante de territórios através de deslocamentos, o que interessa para minha pesquisa não são os territórios formados, e sim os acontecimentos que atravessam essas criações, que racham cada território, num processo vivo de modificação. Meu deslocamento promove os descompassos das narrativas que vou produzindo, fazendo com que os territórios repetidos não soem como meros excessos, mas gerem aprendizagens em processo.

As aprendizagens possibilitadas por essas ações não podem ser listadas de forma definitiva, pois dependem de quem as executa e de quem as experimenta enquanto narrativa cartográfica. Não se trata de especificar aprendizagens sobre a cidade, mas de pensar como vou produzindo modos de ser gaúcha em uma cidade goiana, sendo também professora, estudante, jovem, mulher, parda... de pensar no quanto vou me modificando e modificando minhas relações cotidianas com os espaços que também são modificados pela minha passagem.

As maneiras como respondo aos excessos cartografados no cotidiano da cidade fazem vivas essas visualidades em minhas experiências, que se modificam conforme construo percursos que deem conta de necessidades ou interesses que tenho a cada dia, desde um produto que é vendido em uma loja específica até a escolha por passar por uma rua silenciosa ou barulhenta, dependendo de minha disposição.

Também por essas cartografias vou selecionando caminhos que desejo e que posso traçar para a pesquisa através de visualidades da cidade, vou localizando possibilidades e demarcando rumos a serem enfatizados para narrar aprendizagens para além de saberes estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES EM PERCURSO

Da imersão da arte em espaços cotidianos aos deslocamentos cotidianos enquanto experiências de criação, esse artigo esboçou alguns caminhos para discutir os deslocamentos enquanto produção de territórios moventes, tomando como principal interesse as potências de vida que emergem nessas ações.

O traçar de cartografias afetivas através de narrativas visuais ou escritas não torna essas marcas menos ou mais verdadeiras do que um diário ou uma tabela que indique de modo linear os caminhos atravessados, haja vista que a experiência de observar um mapa já se apresenta como outra forma de perceber esse território. Se um mapa nunca dá conta da totalidade do território que representa é justamente porque não há totalidade a ser alcançada. Se podemos tocar alguma certeza sobre um espaço será apenas enquanto intensidade vivida, seja

na cidade em si, seja nos percursos feitos dentro de cartografias produzidas. São processos constantes de reterritorialização que movimentam nossos corpos no campo social.

Pensar a aprendizagem como processo de criação me leva a perceber as imagens e textos não apenas como registros de uma realidade, mas como produções de mundos possíveis, fazendo do saber um processo coletivo e múltiplo que abrange diversas camadas da experiência cotidiana, desde a leitura de um texto até a de uma escrita clandestina e efêmera nos muros da cidade. Essas aprendizagens, como processo investigativo na área da educação e da cultura visual, apontam caminhos que não dizem respeito apenas aos modos como vivemos nas cidades —tema também bastante pertinente em nossos frenéticos cotidianos urbanos—, mas especialmente a como podemos entender os processos educativos em meio ao urbano, onde nossos caminhos são múltiplos e divergentes e onde informações ditas educativas não dão conta de processar construções de vida que não cessam de se modificar e exigir novas posturas frente à rotina cotidiana. É importante que aprendamos a aprender daquilo que é efêmero, fugidio, instável, movimentando nossos pensamentos junto a corpos que habitam e transformam os mundos para viver.

NOTAS

- 1 Pesquisa intitulada 'Aprendizagens em Devir: entre visualidades urbanas e narrativas cotidianas', iniciada em 2014 junto ao Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professor Raimundo Martins.
- 2 A ação estava vinculada à disciplina Cartografias e Territórios, ministrada pela professora Lilian Amaral.
- 3 O vídeo, chamado 'Cartografando o Eixão', está disponível para visualização no seguinte link: <http://youtu.be/ggPmR8IRGcl>

REFERENCIAS

- Amaral, Lilian, Maia, Ivan Ferrer, Teixeira, Karina Alves. "Táticas para cartografar e habitar o espaço da cidade. Práticas performativas - observatório bom retiro." *Anais do XXII CONFAEB Arte/Educação: corpos em trânsito*, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2012.
- Bey, Hakim. *Taz: Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2004.
- Campbell, Brígida. "Canteiro de Obras: derivas sobre uma cidade-pesquisa habitada por práticas artísticas no espaço público." *Dissertação (Mestrado em Artes)*, Universidade Federal de Minas Gerais (Escola de Belas Artes), Belo Horizonte. 2007.
- Certeau, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Costa, Rogério Haesbaert da. *Novas territorialidades*. Invenção do contemporâneo (série). São Paulo: CPFL/TV Cultura, 2010. Costa, exibido em: TV Cultura, 07.06.2010.
- Deleuze, Gilles. *Conversações*. São Paulo: 34, 1992.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- Ellsworth, Elizabeth. *Places of learning: media, architecture, pedagogy*. New York: Routledge, 2012.

Kastrup, Virgínia. "Aprendizagem, arte e invenção". *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 06, n. 01, jan./jun. 2001: 17-27.

Nietzsche, Friedrich. *Obras Incompletas*. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.

Paim, Cláudia. *Táticas de Artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados*. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2012.

Rolnik, Suely. *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

Santos, Bia. *Conferência realizada via Skype*. Universidade Federal de Goiás: 2014.

Cómo citar este artículo:

Vaz, Tamaris. "Cartografando e aprendendo em ações artísticas urbanas". *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, 11(2), 149-161, 2016. <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.mavae11-2.caaa>